

### **Uma breve reflexão sobre a forma urbana**

Msc. Aristóteles Siqueira Campos Cantalice II<sup>1</sup> - cantalice2@gmail.com

#### **Resumo**

O estudo da forma ou morfologia urbana se trata de um tema explorado de maneira diversa no contexto intelectual. Sua abordagem atinge desde o específico campo do detalhamento formal de conjuntos de residências, até a forma social de nossa coexistência<sup>2</sup>. Seu enfoque é deveras amplo, assim como, a quantidade de campos teóricos que a estudam. Sua abordagem é tratada por diversas áreas de conhecimento fazendo com que o processo de captura de uma ou mais formas urbanas seja uma área de estudos e pesquisa potencialmente delicada. Dessa forma, ao se considerar esses fatores, levanta-se a pergunta: como se deve apreender a forma da cidade?

---

<sup>1</sup> Faculdade de Boa Viagem e Faculdade do Vale do Ipojuca

<sup>2</sup> A expressão coexistência procura nesse caso definir a forma cultural de assentamentos considerando: tradição, cultura, costumes e identificação dos habitantes que ali coexistem.

### As diferentes formas de ler a cidade

A cidade pode ser lida e apreendida de diversas formas, no campo da arquitetura e urbanismo não é diferente. Diversos teóricos desse campo se aprofundam em visões peculiares, as quais não são completas (GOITIA, 1989, pg.07) e muito menos incompletas, pois ao considerar a complexidade da cidade mesmo dentro de uma área como à da arquitetura e urbanismo, elas tornam-se complementares. Dessa forma, vale afirmar que existem tantos tipos de cidades, quanto o número de cidades existentes, pois uma cidade nunca é igual à outra, levando em consideração os diversos aspectos para sua formação, desde a geografia local à crença de seus habitantes. No entanto, as cidades podem ser divididas em três tipos fundamentais (GOITIA, 1989), os quais tratam de modelos básicos que vem sendo desenvolvidos e modificados conforme as necessidades sociais, culturais e econômicas. O primeiro é a *Cidade pública* do mundo clássico, a *civitas* Romana [Fig.01], a forma desse tipo de cidade gira em torno do convívio social externo, na rua e, principalmente, nas praças, que possuem como fundo as fachadas das edificações; o segundo é a *Cidade doméstica* e campesina da sociedade nórdica, do interior, da reclusão e individual, cidade dos tetos e paredes; e o terceiro é a *cidade privada* e religiosa Islâmica [Fig.02], do convívio na casa e detentora do convívio social no pátio da mesquita, com traçado orgânico e complexo, negando a importância da via como meio de encontros sociais, pois considera a via aberta e contínua exibicionista.

A partir do século XV à atualidade, diversos teóricos do campo da arquitetura e urbanismo “debruçam-se” sobre a cidade, tentando defini-la. Uma das primeiras contribuições foi a de Leon Battista Alberti (*De Re Aedificatoria*, 1485, *apud* PATETTA, 1997) e a de Andrea Palladio (*I Quattro Libri*, 1570), que procuram eleger a cidade como um sítio escolhido para um conjunto de casas e que acabam por definir, que a cidade é nada mais que uma grande casa, enquanto que a casa é nada mais que uma pequena cidade. Alberti divide a cidade em partes de um todo, o pátio [Fig.03], as *logias*, a sala e o pórtico.

Nos séculos XVIII e XIX, Laugier (*Observations Sur L'Architecture*, 1765) e Francesco Milizia (*Principi di Architettura Civile*, 1813) reconhecem versões similares de cidade, veem a cidade como um bosque, pois a distribuição da cidade é como a de um parque com praças, cruzamentos e ruas. Tem de ser desenhada de forma a produzir gosto e extravagância, e que a *magnificência do todo esteja subdividida em uma infinidade de belezas particulares*. Novamente, recordando o conceito da cidade como um todo possuidora de partes.

A partir do século XX, a definição de cidade começou a se tornar mais ampla, conceituada em diversos campos díspares e, principalmente, estudada pelos geógrafos que começaram a analisar a paisagem das cidades. Pierre Lavedan (*Geographie des Villes*, 1936) passou a definir a cidade como detentora de dois conceitos a saber: 1- a cidade forma-se quando o homem domina a natureza; e 2- a ideia da cidade como organismo em que cada parte esta submetida a uma lei. Complementando-o, Pierre George, outro Parisiense, em sua obra: *Precís de Geographie Urbaine*, de 1961, procura entender a cidade como uma unidade demográfica, que deve ser definida e analisada. George aprofundou o conceito de Lavedan, de cidade como organismo mutante, com um ritmo de crescimento determinado, com um dinamismo peculiar capaz de atrair determinado tipo de habitante através da identificação

com seu ritmo, enquanto, afasta outras, que preterivelmente se identificam com outro tipo de ritmo.

A modernidade trouxe consigo uma nova gama de teóricos engajados numa resolução do conceito de cidade, principalmente, como instrumento de se viver. Dentre estes, destaca-se Le Corbusier (*Le Urbanisme*, 1925), que passa a considerar a cidade como instrumento de trabalho. Uma máquina em prol da civilização humana, acima da natureza. Uma espécie de organismo humano de proteção e trabalho, onde a sociedade deve viver de forma salubre [Fig.04-05], para cumprir seu papel de trabalho, lazer, habitação, circulação e sociabilidade.

Por outro lado, Lewis Mumford (*The Culture of Cities*, 1938) afirma que a cidade é como uma obra de arte consciente, pois nossos anseios tornam-se realidade nas formas da cidade, e por sua vez, as cidades condicionam a mente. Dessa forma, a cidade conserva as marcas de uma cultura e de uma época, tornando palpável e registrando um povo em determinado momento histórico. Porém, no momento presente, o autor afirma que o estado da metrópole, na civilização ocidental, assemelha-se ao inferno (MUMFORD, 1938, p.291), pois a metrópole acha-se em estado de desequilíbrio permanente. Enquanto que os novos centros de gravidade econômica desenvolvem-se muitas vezes dentro da base de outros estados ou povos, resultando em conflitos, que destroem a cultura da cidade, a qual é consumida pelo ciclo econômico maníaco-depressivo capitalista. Além de que, o processo de destruição da cultura repercute diretamente na forma da cidade, muitas vezes transformado-a radicalmente.

Outra visão bastante peculiar sobre a cidade é a do teórico Aldo Rossi (*L'architettura della Citta*, 1966). Em sua obra, procura entender a forma da cidade a partir de sua arquitetura, citando Atenas, Paris e Roma para explorar a ideia de arquitetura, não como imagem visível, e sim, como construção capaz de moldar a cidade, conferindo-lhe a imagem de sua cultura. Ou seja, a cidade como manufatura, um artefato que cresce no tempo. Esse tipo de visão das cidades alia-se claramente com o conceito da tectônica em arquitetura de Kenneth Frampton (*Studies in Tectonic Culture*, 1995). Esse conceito procura relacionar a produção arquitetônica da terra, ao seu desenvolvimento e posterior identidade, desde a forma de implantação e do saber fazer local, até sua clara hierarquia, a qual confere identidade a uma cidade, através de um complexo sistema simbólico capaz de gerar a identificação da forma com o habitante e o processo de evolução cultural local.

As formas de ver a cidade são inúmeras, mesmo entre os arquitetos e urbanistas, poucos citados acima. Entre outros: Camillo Sitte (*Der Stadtebau nach seinien kunstlerischen Grundsätzen*, 1889); Carlo Cattaneo (*La citta considerata come principio ideale delle storie Italiane*, 1858); Max Weber (*Die Stadt, Archiv Für Sozialwissenschaft ...*, 1920); Arthur Smailes (*The Geography of Towns*, 1962); Ludovico Quaroni (*La Torre de Babele*, 1967); Gordon Cullen (*The Concise Townscape*, 1971); e Henri Lefebvre (*La pense marxiste et la ville*, 1972); também contribuíram para a compreensão e tentativa de apreensão das cidades, cada qual, de forma peculiar ou mesmo complementar.

### **A apreensão da forma: Lynch e Kostof**

Como objeto complexo, a leitura da cidade foi e ainda é estudada e desenvolvida por diversos teóricos, entre eles Camillo Sitte, cuja obra foi essencial para compreensão da forma da cidade, a partir do ponto de vista artístico. No entanto, as buscas mais profundas da apreensão da cidade, considerando-a artefato evolutivo detentor de uma gama de pontos e elementos que a identificam, podem ser estudadas mais profundamente na obra de Kevin Lynch (*Good City Form*, 1981) e Spiro Kostof (*The City Shaped: urban patterns and meaning through history*, 1991). Na visão desses dois teóricos, a sociedade é a principal consequência geradora da forma da cidade, pois há sempre uma intenção cultural por trás dos motivos tomados relativos à formação da cidade.

Kostof considera o desenho urbano como arte e diz que deveria se levar em conta o comportamento humano como definidor da forma. Afirma ainda, que quanto mais se conhece os vários períodos históricos, mais se conhece o ambiente construído e há mais possibilidades de lê-lo corretamente. Então, conclui que a forma da cidade é neutra, até que seja impressa na cidade uma intenção cultural. Kostof trabalha também, o conceito de *processo urbano*, onde procura referências nas mudanças físicas da cidade com o passar do tempo. Normalmente, esse processo evolui a partir de três pontos principais: mercados e feiras; centros cerimoniais e fortes militares.

De acordo com Kostof, o formato dos agrupamentos define-se a partir de nove tipos gerais [Fig.06]. Essas formas estão diretamente ligadas ao tipo de cultura e sociedade que a população e seus líderes estão imersos.

Dentro da história social e da geografia urbana, Kostof define a tripla tipologia de cidade e sua formação/desenvolvimento. A primeira é a **Cidade pré-industrial**: que abrange desde as cidades gregas às cidades da Idade Média [Fig.07], pois se tratam de centros do poder exercido por uma minoria governamental ou religiosa. Normalmente, são cidades pequenas com pouca mobilidade social e física. A segunda é a **Cidade industrial**, a qual abrange as cidades pós-feudais às de hoje. Normalmente, aquelas em que a posse da terra veio a ser fonte de riqueza e produção de lucro. Esse tipo de cidade é encorajada à segregação e zoneamento de usos. E por último, a **Cidade socialista** [Fig.08] desenvolvida a partir da abolição da propriedade capitalista da terra e propriedade. Normalmente, criada a partir de um planejamento central que determina o status, o crescimento e a forma da cidade, como exemplo dessas cidades pode-se citar as cidades utópicas e as cidades chinesas.

Kevin Lynch, por outro lado, demonstra de maneira mais detalhada os meios de se apreender a forma urbana. Para exemplificar as formas de evolução da forma ele cria três teorias que procuram entender a cidade como um fenômeno espacial: 1-**Teoria do Planejamento**: que assinala como a complexa decisão pública deve ser feita e como ela influi no desenvolvimento da forma da cidade; 2-**Teoria Funcional**: que tenta explicar como a cidade toma forma e como essa forma funciona; 3-**Teoria Normativa**: que trata as conexões entre valores humanos e formas de assentamento, estimulando uma reflexão sobre a boa forma ou não, da cidade.

De acordo com Lynch, para a compreensão da forma da cidade deve-se analisá-la, considerando, se possível, as três teorias listadas acima. Uma teoria da cidade bem

desenvolvida, deve ser simultaneamente normativa e explanatória. A cidade deve ser vista como uma história de relações entre grupos, espaço, força física, interligação de decisões ou conflito de interesses, de forma a medir os empenhos dos agentes privados e públicos. O processo de construção da cidade é complexo e plural, marcado por conflitos, interesses e barganhas.

Então, de acordo com o processo analítico de Lynch, conclui-se que o processo de desenvolvimento das cidades é deveras peculiar, dependendo da cultura e da sociedade de cada uma, considerando a forma do assentamento e do entorno físico, pois a forma é uma disposição espacial das atividades das pessoas que a habitam, do fluxo resultante, dos bens, da informação, dos rasgos físicos que modificam o espaço de forma significativa, do todo social, biológico e físico, bem como, tudo o que ocorre, direta ou indiretamente, sobre a tessitura da cidade.

Dentro do conceito da Teoria Normativa, Lynch a subdivide em três tipos distintos, claramente encontrados na sociedade ocidental ou oriental. São eles: a **Teoria Cósmica do Desenvolvimento**, mais encontrada nas cidades orientais e que parte do planejamento como um modelo cósmico, universal e dos deuses. O modelo inclui cores relacionadas às direções cardinais; cidade dividida, semidividida e subdividida progressivamente; espaço dividido entre esquerda e direita; representações hierárquicas, religiosas e civis, que possuem sua própria localidade, propriedade e cores. Utilizam-se, ainda, da *Mandala* e do *Madurai* [Fig.09-10] e possuem o perfeccionismo radial das cidades renascentistas, os quais são um símbolo de ordem matemática universal. De forma que, por "forças celestes", considerados por alguns como "mitos", as teorias cósmicas explicam suas razões.

O segundo trata-se da **Teoria da Máquina**, um tipo de planejamento mais antigo que o cósmico e mais utilizado em assentamentos temporários [Fig.11], como nas cidades coloniais. São modelos idealizados para serem utilizados rapidamente e que visam o valor financeiro e a conveniência, bem como, o fácil acesso às pessoas por meios razoáveis de segurança, moradia e entretenimento. Possui grande enfoque nos meios de transporte, na separação ordenada das atividades, e nos processos de produção. Essa teoria parte do ideal da cidade factual, onde cada peça faz a outra funcionar de forma integrada e estável.

O terceiro e último tipo, a **Teoria Orgânica** trata a cidade como algo autônomo e individual com um tamanho e uma densidade definitiva. A cidade não cresce para os lados e não se expande, ela se reorganiza, adequando suas novas necessidades a sua forma definitiva. De modo que os seus espaços e sua sociedade devem ser altamente independentes, pois a forma e a função de cada componente da cidade devem ser correlacionadas diretamente, porém todas são diferentes entre si. O *balanço* da cidade é dado por um mix de diversas pessoas, que otimizam a cidade. A organização interna segue a hierarquia de uma grande árvore, que inclui unidades, subunidades, subsubunidades e assim, sucessivamente, como células vivas que procuram relação permanentemente. Como organismos, eles nascem, desenvolvem-se, entretanto, não morrem. E possuem a marcante característica de serem atrativos para as pessoas [Fig.12], pois possuem um bom contato com o entorno e outros meios.

### Uma breve reflexão

Após essa breve exposição sobre diversos teóricos que fizeram contribuições intelectuais inestimáveis para o entendimento da forma da cidade, compreende-se que, de fato, restringir a forma da cidade a uma receita única, é desconsiderar a complexidade do meio e das relações urbanas numa cidade. As intensas atividades de diversos atores que empreendem esforços para agir sobre o urbano, sejam de natureza econômica, social, cultural, visual ou imagética, transpõem-se sobre a forma da cidade de inúmeros meios peculiares. Sendo assim, mesmo considerando somente a visão peculiar da arquitetura e urbanismo, a forma da cidade mostra-se profundamente complexa e diretamente ligada a outros fatores, conforme foi demonstrado na exposição acima. De forma que, a cidade, como objeto palpável de uma realidade, deve ainda, ser vista como uma cultura.

A apreensão da forma da cidade de Lynch e Kostof, é um método analítico de base objetiva, o qual vislumbra a tentativa de perceber o valor da forma a partir de um ângulo específico. Porém, se deve considerar outros fatores, além da forma pela forma específica. Segundo Ernst Egli (*Climate and two districts*, 1951), os elementos básicos da cidade são: a praça, as ruas, a casa, os edifícios públicos e os limites, os quais definem a cidade. No entanto, todos esses elementos obedecem a uma necessidade profunda de comunidade e circunstâncias espirituais de toda a ordem. Então, Egli afirma que cada estrutura urbana é essencialmente unitária. A ideia fundamental de uma cidade está implícita na ideia de casa individual dessa cidade. Sendo assim, além da cidade ter características básicas únicas, ela é, assim como nós, dotada de alma (SPENGLER, *La decadência de occidente*, Vol. III), uma chama cósmica que ilumina e torna razoável a identidade do habitante com o local, fazendo com que a pessoa sinta-se em casa e, principalmente, sinta-se em um ambiente onde ela está protegida (MARTINI, *Tratatto di Architettura*, 1482, p.191). Conclui-se então, que no sentido da apreensão da forma como um ‘todo’ devemos considerar profundamente a visão de Goitia (PATTETA, p.07): *sua abordagem por um só homem é impossível tendo em conta a massa de conhecimentos que ele teria de acumular*, onde o termo ‘conhecimentos’ denota as áreas que a estudam: a geografia, a economia, a política, a arte, a arquitetura, o urbanismo, etc.

Por outro lado, a forma pode e deve ser apreendida em determinado ângulo específico, que faça jus a uma resposta dessa área e que se relacione diretamente com a abordagem tratada e explorada, onde os meios utilizados para a apreensão da forma devem considerar seus devidos métodos, dentro desse ângulo. Então, conclui-se que, ao considerar a forma hermética em um conhecimento ou ciência, ela pode ser apreendida. Porém, se partimos para a vastidão de confluências que se vê na cidade como um todo, estaríamos fadados a intensas falhas de análise.

## Bibliografia

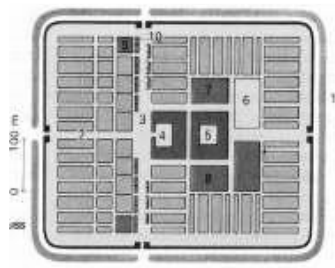
AYMONINO, C. **Orígenes y Desarrollo de la ciudad moderna**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1972.

- CHOAY, F. **O Urbanismo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1965.
- CHOAY, F. **A Regra e o Modelo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.
- GOITIA, Fernando C. **Breve História do Urbanismo**. Lisboa: Ed. Presença, 1989.
- KOSTOF, Spiro. **The City Shapes: urban patterns and meaning throught history**. Boston: Bulfinch, 1991.
- KOSTOF, Spiro. **The City Assembled: The Elements of Urban Form Throught History**. Boston: Bulfinch, 1992.
- LYNCH, Kevin. **La Buena Forma de la Ciudad**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1985.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1996.
- MUMFORD, Lewis. **A Cultura das Cidades**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. 1961.
- PATETTA, Luciano. **História de la Arquitectura: Antologia Critica**. Madrid, Celeste Ediciones, 1997.
- ROSSI, Aldo. **A Arquitectura da Cidade**. Lisboa: Edições Cosmos, 1977.

### **Ilustração e legendas**

#### **Fontes das Ilustrações**

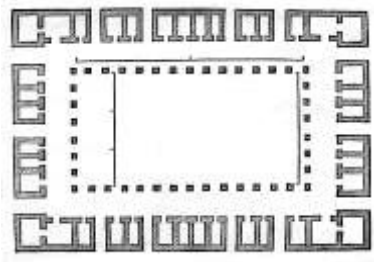
- 01- [www.livius.org/a/1/maps/novaesium\\_map.gif](http://www.livius.org/a/1/maps/novaesium_map.gif) em 12.11.2007
- 02- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1996
- 03- [digilander.libero.it/initlabor/musica-archite...](http://digilander.libero.it/initlabor/musica-archite...) em 30.05.2007
- 04- OCKMAN, Juan. *Architecture Culture 1943-1968*, New York: Ed. Rizzoli, 1953, PG 15.
- 05- [www.digischool.nl/ckv1/architectuur/corbusier...](http://www.digischool.nl/ckv1/architectuur/corbusier...) em 24.05.2007
- 06- KOSTOF, Spiro. **The City Shapes: urban patterns and meaning throught history**. Boston: Bulfinch, 1991.
- 07- [www.capurromrc.it/mappe/strasburgo.html](http://www.capurromrc.it/mappe/strasburgo.html) em 12.11.2007
- 08- [www.filosofia.org/ave/001/a134.htm](http://www.filosofia.org/ave/001/a134.htm) em 12.11.2007
- 09- LYNCH, Kevin. **La Buena Forma de la Ciudad**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1985. Pg 20
- 10- LYNCH, Kevin. **La Buena Forma de la Ciudad**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1985. Pg 63
- 11- LYNCH, Kevin. **La Buena Forma de la Ciudad**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1985. Pg 22
- 12- LYNCH, Kevin. **La Buena Forma de la Ciudad**. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli, 1985. Pg 25



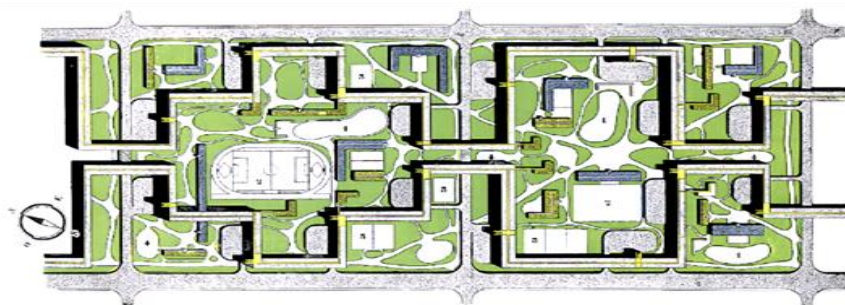
**01**-Civilização Romana: Novaesium 30 D.C.



**02**-Gardaia, Argélia.

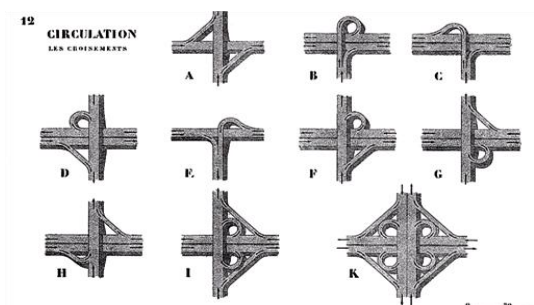


**03**-Plano de um Fórum com pátio, Alberti.

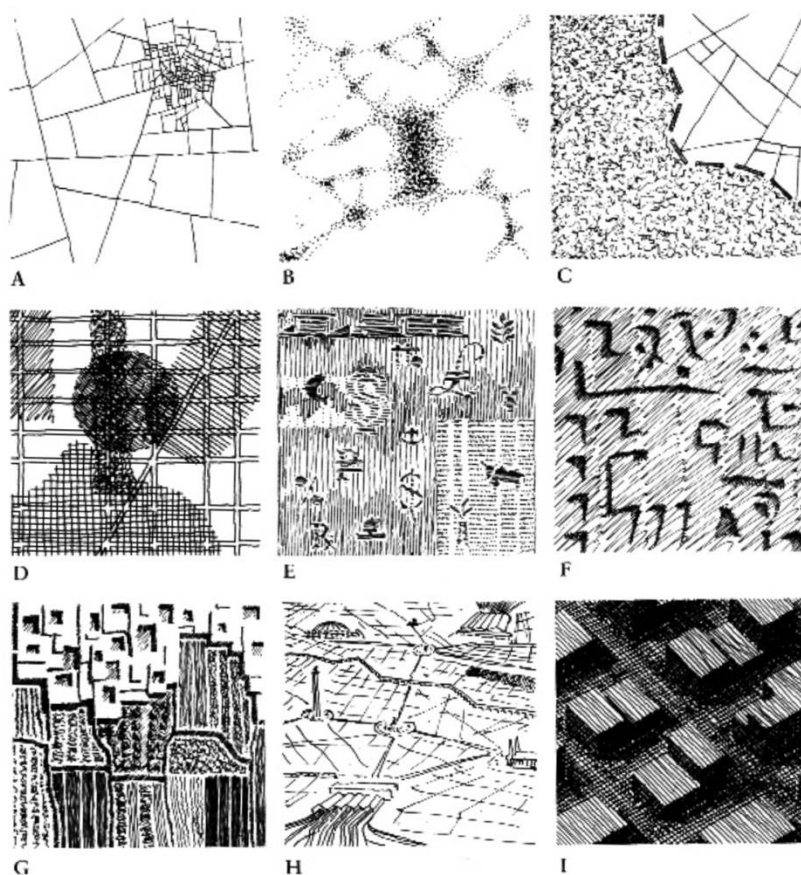


**04**-Plano do setor habitacional: *Ville Radieuse*.





**05**-Esquema de nós, para circulação ininterrupta: *Ville Radieuse*.

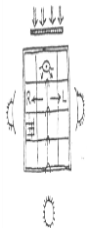


**06**-Formato de agrupamentos: **A**-Lugar onde certa aglomeração toma lugar; **B**-Cidades que vêm em agrupamento, dependendo das outras; **C**- Cidades com uma circunscrição física, material ou simbólica; **D**- Cidades com zoneamento social, divisa de riquezas e trabalhos; **E**- Lugares favorecidos por uma fonte de renda; **F**- Lugares que devem se apoiar em leis, regras e escritas; **G**- Cidades como locais ligados a zona rural que a alimenta e provêm de serviços; **H**- Cidades de relações monumentais, detentoras de identidade para o habitante; **I**- Locais constituídos de pessoas e edificações.

**07-**Strasburgo, século XVII



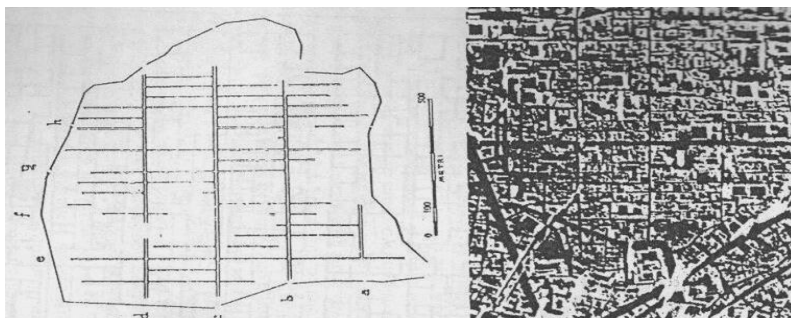
**08-**Falanstério, Fourier, desenho de Victor Considerant..



**09-**Mandala



**10-**Madurai



11-Cuzco, México.



12-Plano piloto de Maryland, 1937. Cidade orgânica contida por Greenbelt.